

NOTAS SOBRE A FONOLOGIA DA LÍNGUA TIMBIRA

Rosane de Sá Amado¹

Lilian de Carvalho de Souza²

ro.amado@gmail.com

lyka_lyka@ig.com.br

RESUMO: O presente estudo visa traçar um panorama das particularidades fonético-fonológicas das variantes Timbira. A língua Timbira pertence à família Jê, Tronco Macro-Jê e compreende as variantes Pykobjê, Krahô, Ramkokamekrá, Apaniekrá, Parkatejê, Apinajé e Krinkati. Desde 1993, esses povos, com exceção do Parkatejê, têm participado de programas de educação e da elaboração de uma grafia uniformizada, fazendo parte da Associação Wy'ty Catê e contando com a assessoria do Centro de Trabalho Indigenista (CTI). Este trabalho é parte de uma pesquisa voltada à elaboração de um quadro fonológico do Timbira e objetiva futuramente apoiar com dados os estudos de reconstrução de um Proto-Timbira.

PALAVRAS-CHAVE: Línguas indígenas; fonologia; educação.

1. OS TIMBIRA

A língua Timbira faz parte do Tronco Macro-Jê, família Jê. Atualmente, o povo Timbira é formado pelos grupos indígenas Krahô, Krinkati, Apaniekrá-Canela, Ramkokamekrá-Canela, Pykobjê-Gavião, Krenjê, Parkatejê-Gavião e Apinajé, segundo Rodrigues (1986). Os Timbira são aproximadamente 5 mil índios distribuídos em 28 aldeias, ocupando os cerrados do sul do Maranhão e norte do Tocantins (dados do Centro de Trabalho Indigenista)³. Conforme Melatti (1972), eles estão divididos em Timbiras Orientais, que estão a leste do Rio Tocantins - Krinkati, Apaniekrá-Canela, Ramkokamekrá-Canela, Pykobjê-Gavião, Krenjê, Parkatejê-Gavião, Krahô - e Timbiras Ocidentais, situados a oeste do Rio dos Tocantins - os Apinajé.

¹ Professora Doutora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo.

² Graduanda de Letras da Universidade de São Paulo.

³ www.trabalhoindigenista.org.br, acesso feito em 30/05/2006.

Todos esses povos apresentam em comum características como o corte de cabelo, a morfologia da aldeia e a corrida com toras. A língua dos índios Timbira é usada em todas as situações de comunicação na aldeia e eles se entendem, pois compartilham do mesmo parentesco familiar e lingüístico. Segundo Ladeira (2001: 307):

(...) Os adultos só conversam entre si nessa língua, com ocasionais inserções de palavras ou expressões em português. As crianças normalmente chegam à escola falando apenas algumas palavras em português, mas com a audição predisposta à incorporação dos sons da língua portuguesa. Tal predisposição ao português é dada graças à exposição ao rádio e às visitas dos regionais a suas aldeias, ou das estadas nas Casas do Índio da Funai, localizadas em centros urbanos, para tratamento de saúde de algum parente próximo (pai, mãe, irmão, avô etc.). A presença dos funcionários da Funai, em muitas das aldeias Timbira, sem dúvida também contribuiu para essa difusão do português falado.

Quanto aos Apinajé, embora se considerem descendentes dos Timbira, a sua língua está mais próxima do grupo Kaiapó (outro povo Jê). O povo Krenjê não fala mais a língua Timbira, somente o Português.

Ainda há discussões acadêmicas em relação à língua desses povos, se seriam línguas próximas ou variantes de uma só língua, a Timbira. Alves (2002), baseando-se em estudos sobre o Pykobjê (Sá, 1999), Apaniekrá (Alves, 1999), Parkatejê (Araújo, 1989), Apinajé (Ham, 1961) e dados por ela coletados sobre os Ramkokamekrá, Krahô e Krinkati, identifica quatro subgrupos dentro do complexo Timbira:

- Apaniekrá/Ramkokamekrá/Krahô
- Parkatejê
- Krinkati/Pykobjê
- Apinajé

Os Apaniekrá, Ramkokamekrá, Krahô, Krinkati, Apinajé e Pykobyê formaram, há cerca de 10 anos, uma associação, a Wy'ty Catë, juntamente com o Centro de Trabalho Indigenista (CTI). Essa associação tem como objetivo promover projetos sócio-culturais dos povos indígenas, dentre eles, "Uma Escola Timbira", que forma professores indígenas e trabalha com uma proposta de uniformização da grafia Timbira. Os Parkatejê não participam da associação Wy'ty Cate, já que têm uma história de contato bem diferente dos demais povos Timbira, embora costumem ter relações constantes com esses.

O CTI, assessorado pelo Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH/USP, desde 1993, discute a possibilidade de uniformização de uma grafia da

língua Timbira. Foram realizadas várias oficinas de discussão juntamente com os professores Timbira. Em 2003, em Carolina, no Maranhão, foi realizada uma oficina com a presença de dezessete representantes dos povos Timbira – a maioria, professores indígenas - e a assessoria das lingüistas Flávia de Castro Alves e Rosane de Sá Amado. Baseando-se nos estudos existentes dessas línguas, as lingüistas apresentaram as semelhanças e diferenças e mediaram as discussões entre os representantes Timbira. Estes, por sua vez, discutiram, aprovaram as letras e fizeram os primeiros exercícios utilizando a grafia uniformizada. Fizeram uma lista com aproximadamente 350 palavras e levaram-na para as aldeias junto com uma carta de apresentação da proposta de grafia.

Dessa forma, deve-se levar em consideração a percepção que os próprios falantes têm de sua língua e ressaltar o esforço contínuo que tem havido entre esses povos quanto ao fortalecimento de uma unidade cultural, a qual passa, sem dúvida, pela unidade lingüística, mesmo que, há menos de cinquenta anos, muitos deles estivessem envolvidos em conflitos entre si. De fato, muitos desses povos mantiveram uma certa hostilidade que, em alguns casos, resultou em guerras. A própria denominação – *(ka)mekrá* indica o afastamento, no passado, de grupos que se consideravam rivais; já a denominação –*katejê* é um índice de aproximação e aliança (cf. Azanha, 1984). Atualmente, todos os grupos se tratam como –*katejê*, embora na nomenclatura oficial tenham permanecido denominações como Apaniekrá e Ramkokamekrá.

Ainda há muito trabalho a ser feito, pois há questões morfofonológicas e morfosintáticas envolvendo diferenças nos subgrupos Timbira. Mas a grafia uniformizada é um avanço, uma conquista alcançada com a participação e aprovação desses povos.

2. OBJETIVOS DESTE ESTUDO E METODOLOGIA DE ANÁLISE

O presente estudo visa descrever as particularidades fonético-fonológicas de cada variante da língua Timbira: Apaniekrá, Ramkokamekrá, Krahô, Parkatejê, Krinkati e Pykobjê, analisando as semelhanças e diferenças com base em estudos realizados sobre essas línguas, e, dessa forma, apoiando com dados o trabalho de uniformização da grafia. O Apinajé, embora não seja considerada aqui uma língua Timbira, terá também seu sistema fonológico analisado.

Para isso, foram analisados os seguintes estudos:

Apaniekrá (Alves, 1999, 2004)
Apinajé (Alves, 2004; Oliveira, 2003; Davis, 1966)
Krahô (Souza, 1990,1997)
Krinkati (Alves, 2004; Amado, 2004)
Parkatejê (Ferreira, 2003; Araújo, 1989)
Pykobjê (Sá, 1999; Amado, 2004)
Ramkokamekrá (Popjes & Popjes, 1986; Davis, 1966)

É importante salientar que dentre esses estudos, os que têm caráter estritamente fonológico são o de Alves (1999) e o de Sá (1999); os demais analisam e descrevem a língua-objeto do ponto de vista morfossintático e/ou morfofonológico. Dessa forma, este trabalho visa, principalmente, a uma re-análise de dados extraídos de todos esses estudos do ponto de vista fonético-fonológico, cotejando-os com a lista de palavras coletada junto a esses povos (com exceção dos Parkatejê) por ocasião da oficina de grafia uniformizada realizada em 2003. O produto final desta pesquisa deverá ser a elaboração de um quadro fonológico da língua Timbira, contemplando todas as variantes, resultado ainda não alcançado no presente trabalho.

Além da elaboração do quadro fonológico, pretende-se estender a pesquisa para aspectos morfofonológicos, principalmente no que se refere à flexão de pessoa junto a verbos e nomes inalienáveis, visto ser esta área um ponto de conflito entre as variantes Timbira conforme relatam Alves (2004), em seu estudo sobre o Apãniekrá, Amado (2004), em seu estudo sobre o Pykobjê, e Souza (1990), em seu estudo sobre o Krahô.

Ademais, esta pesquisa pretende fornecer subsídios ao projeto de pesquisa sobre a aquisição dos sons do português escrito e oral como segunda língua entre as comunidades Timbira, realizado no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP.

3. ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS NOS ESTUDOS SOBRE LÍNGUAS TIMBIRA

O trabalho de Alves (2004:18) descreve o seguinte inventário de fonemas:

Apinajé	Parkatejê	Apãniekrá/Ramkok/Krahô	Krinkati/Pykobjê
p t tʃ k ʔ	p t tʃ k ʔ	p t tʃ k ʔ	p t tʃ k k ^{h4} ʔ ⁵
m n ɲ ɳ	m n	m n ɲ ɳ	m n
w r j	w r j h	w r j h	w r j h
i ĩ ï ī u ũ	i ĩ ɯ ũ u ũ	i ĩ ï ī u ũ	i ï u
e ə o	ẽ ɣ õ	e ə o	e ẽ ə ã o õ
ɛ ẽ ɜ ẽ ɔ õ	ɛ ʌ ɔ	ɛ ẽ ɜ ɔ õ	
a ǎ	a ǎ	a ǎ	a

Quadro 1: Inventário de fonemas segundo Alves (2004).

À primeira vista, já se pode notar a convergência entre os segmentos consonantais dos quatro subgrupos, com quatro exceções: a oclusiva velar aspirada - **k^h**- que só ocorre no Pykobjê, as nasais, palatal e velar – ɲ e ɳ –, que não ocorrem no Parkatejê, no Krinkati e no Pykobjê, e a fricativa glotal – h – que não ocorre no Apinajé. Temos, convergentes, portanto, oclusivas surdas labial, alveolar, velar e glotal e uma africada palatal. Há duas nasais, uma labial e uma alveolar, e três aproximantes, uma lábio-velar, uma alveolar e uma palatal.

Quanto às vogais, a diferença é bem maior. Em relação ao grau de abertura, para o Krinkati e o Pykobjê há apenas três, prescindindo das médias-baixas encontradas nos demais subgrupos. Quanto aos articuladores, apenas o Parkatejê não apresenta vogais centrais, sendo estas substituídas pelas posteriores não-arredondadas. O quadro de nasais também apresenta irregularidades: para o subgrupo Pykobjê/Krinkati apenas as três médias-altas têm contraparte nasal; o Apinajé e o subgrupo Apãniekrá/Ramkokamekrá/Krahô apresentam nasais altas, médias-baixas e baixa, sendo que, para este último, há uma neutralização entre as centrais média-baixa e baixa; o Parkatejê apresenta nasais altas, médias-altas e baixa, excetuando-se a média-alta posterior não-arredondada. Esta última língua apresenta uma quase simetria entre as médias anteriores e posteriores arredondadas: pode-se pensar em alçamento vocálico quando há nasalização – ɛ/ẽ; ɔ, o/õ.

Ao elaborar esse quadro, Alves se baseou nos dados de Ham (1961) e de Oliveira (2003) para o Apinajé, de Alves (1999) para o Apãniekrá, de Sá (1999) para o

⁴ Apenas para o Pykobjê.

⁵ Sá (1999) considera h e ʔ variantes ambientais do mesmo fonema, h.

Pykobjê, de Araújo (1993) e Araújo & Ferreira (2002) para o Parkatejê, e de seus próprios dados coletados junto aos Ramkokamekrá, Krahô e Krinkati.

A comparação com outros estudos dessas línguas (já citados no item 2 deste trabalho), contudo, apontam pequenas diferenças tanto no sistema consonantal quanto no sistema vocálico. Embora não sejam estudos de caráter fonológico, deles foram extraídos itens lexicais e elaborado um quadro que passaremos a analisar.

Item lexical	Apinajé	Parkatejê	Apãniekrá	Ramkokamekrá	Krahô	Pykobjê	Krinkati
mandioca	<i>kwər</i>	<i>kwur</i>	<i>k^hwər</i>			<i>k^hwír</i>	<i>kwír</i>
anta	<i>kukrɨt</i>	<i>kukrɨt</i>	<i>kuk^hrɨt</i>		<i>kok^hrət</i>	<i>kok^hrət</i>	<i>kokrət</i>
sangue	<i>ka^mo</i>	<i>kapro</i>				<i>kapru</i>	
inhame	-	-	<i>k^hrer o</i>			<i>k^hreru</i>	<i>kreru</i>
maracá	-	-	<i>kuɨt o j</i>			<i>koɨtos</i>	
linha de tucum	-	-	<i>ronrətʃe</i>			<i>ronrətʃi</i>	
macaco	<i>kokoj</i>	-	<i>kuk^hoj</i>			<i>kok^huj</i>	
fogo	<i>kuwɨ</i>	<i>kuhɨ</i>	<i>kuhɨ</i>			kohe	-
cobra	<i>kaŋã</i>	<i>kahã</i>	<i>kaŋã</i>	<i>kagã</i>		<i>ka^vgã</i>	<i>kahã</i>
tamanduá	<i>pət</i>	<i>pət</i>	<i>pət</i>			<i>pət</i>	
cabeça	<i>-kr̃</i>		<i>-k^hr̃</i>			<i>-k^hr̃</i>	<i>-kr̃</i>
fígado	<i>-ma</i>	<i>-^(m)pa</i>	<i>-mpa</i>			<i>-^(m)pa</i>	<i>-mpa</i>
pescoço	<i>-mut</i>	<i>-^(m)put</i>	<i>-mput</i>			<i>-^(m)pot</i>	<i>-mpot</i>
bom	<i>-mɛtʃ</i>	<i>-mpɛj</i>			<i>-^(m)peʃ</i>	<i>-mpes</i>	

Quadro 2: Exemplos de itens lexicais extraídos de estudos vários sobre línguas Timbira.

Começemos a análise pelos segmentos consonantais em destaque.

A oclusiva velar aspirada, embora não conste do inventário de fonemas do subgrupo Apãniekrá/Ramkokamekrá/Krahô, segundo Alves (2004), aparece em vários exemplos desse subgrupo (mandioca, anta, inhame, macaco e cabeça). De fato, em sua análise sobre o Apãniekrá, Alves admite a existência de tal segmento, mas o analisa como variante de / k /, cujo ambiente de realização é em sílaba tônica (2004: 29-30). Além disso, este fonema e sua variante acentual estariam em oposição à nasal velar / ŋ /, cuja realização é como velar pré-nasalizada [ŋk]. Para o Pykobjê, contudo, tal hipótese não se aplica, já que há exemplos de oclusiva velar não-aspirada em sílaba

tônica - am'ko (lagarta), aʔ'kə.re (capim-miçanga), ar'ku (cuspe) - assim como de velar aspirada em sílaba átona - k^hup're (mosquito), k^he'te (cascudo), k^hre'ru (inhame) - (cf. Amado, 2004:161-171). Há, inclusive, para essa língua, pares mínimos em monossílabos: kre (ovo) e k^hre (casa, buraco). É interessante notar que os próprios falantes percebem essa distinção; na oficina de grafia de dezembro/2003 em que foram escolhidas as letras que representariam a grafia uniformizada Timbira, os representantes dos seis povos presentes (Apaniekrá, Ramkokamekrá, Krahô, Krinkati, Apinajé e Pykobjê) elegeram a letra < c > para simbolizar a velar não-aspirada k e a letra < k > para a velar aspirada k^h, ainda que tanto os Apinajé quanto os Krinkati não façam distinção entre ambas.

As nasais palatal e velar devem ser analisadas em conjunto com a nasal labial, conforme os exemplos relativos a 'sangue', 'cobra', 'fígado', 'pescoço' e 'bom'. Em seu trabalho de 2004, Alves analisa essas nasais para o Apãniekrá como sendo fonemas e tendo realizações nasais homorgânicas a oclusivas surdas, como é o caso de -**mpa** (fígado), -**mpuʔ** (pescoço) e -**mpɛj** (bom). É importante lembrar, contudo, que estamos diante de processos morfofonológicos, uma vez que tais nasais aparecem seguindo o prefixo de 3ª pessoa iʔ- e após nomes terminados em sílaba leve (Alves, 2004: 33-34). Tal fato ocorre também no Pykobjê: alguns nomes inalienáveis (que não prescindem nunca do prefixo pessoal ou de posse) “adquirem” um fonema nasal homorgânico à oclusiva que o precede. Vejamos um paradigma de posse, com dois nomes inalienáveis, 'fígado' e 'braço':

1ª pessoa:	e j - pa - 'meu fígado'	e j - pa - 'meu braço'
2ª pessoa:	a : - pa - 'teu fígado'	a : - pa - 'teu braço'
3ª pessoa:	em - pa - 'fígado dele'	eʔ - pa - 'braço dele'

Na realidade, há uma nasal “flutuante” presente em alguns nomes e verbos, a qual, diante de uma consoante subespecificada como a oclusiva glotal do pronome de 3ª pessoa, se realiza plenamente. Daí a representação em Pykobjê do termo 'fígado' como -^(m)pa. Essa nasal, que se realiza homorganicamente a uma oclusiva surda, está presente no Apinajé, como vemos nos itens já mencionados. Estamos, portanto, diante de um fato histórico: pressupõe-se no Proto-Timbira havia nasais - m, n, ŋ, ŋ - que perderam o traço [+ soante], mas mantiveram um traço [+ nasal] que, nos contextos

mencionados, se realizam (cf, Sá, 1999: 61) e, atualmente, nessas línguas Timbira, se neutralizaram com as obstruintes surdas “verdadeiras” - p, t, tʃ, k. Além disso, vale ressaltar que o vocábulo ‘cobra’ em Pykobjê é um dos poucos em que aparece um segmento pré-nasalizado - ka^ugõ - e não ocorre para o Krinkati e para o Parkatejê, que o substituem pela fricativa glotal. Tal fato também é percebido pelos falantes dessas línguas, já que a letra escolhida, na oficina de grafia, para representar essa velar – nasal para alguns e pré-nasalizada para outros – foi < g >, com a ressalva de que, para os Krinkati, seria < h >.

Em relação à fricativa glotal, é importante lembrar que, no Apinajé, ela não ocorre, sendo substituída pelo glide lábio-velar w, como vemos no exemplo de ‘fogo’ - kuwĩ. No Pykobjê, ela foi analisada como um fonema que se realiza como [h] em ataque e como [ʔ] em coda silábica, ressaltando para o fato de que os falantes percebem a distinção e, para tanto, elegeram a letra < h > para simbolizar a fricativa glotal e o diacrítico < ‘ > para simbolizar a oclusiva glotal.

Como últimas consoantes a serem analisadas temos o par de fricativas s/ʃ para o Pykobjê e para o Krinkati, como vemos nos exemplos ‘maracá’ e ‘bom’. Em Sá (1999:54), tais consoantes foram analisadas como variantes livres de / j / em coda. Tendo o exemplo de ‘bom’ do Apinajé com a presença da africada tʃ em coda, pode-se novamente supor que, historicamente, esse segmento complexo fosse remanescente do Proto-Timbira, permanecendo no Apinajé, tornando-se uma fricativa simples, como ainda observamos no Pykobjê e no Krinkati, e semivocalizando-se nas demais línguas Timbira, mantendo, contudo, o ponto de articulação palatal. Novamente, é interessante enfatizar que os representantes dos povos Pykobjê e Krinkati fizeram questão, na oficina de grafia, de informar que usariam a letra < x > para escrever, por exemplo, kas ‘cesto’ como <cax>, enquanto os outros povos falam ka.j e escreveriam <caj>.

Em relação às demais consoantes, não encontramos mais nenhuma divergência. Seguiremos, pois, com a análise das vogais.

A princípio a distribuição das vogais nas diversas línguas Timbira parece caótica; todavia, não é o que ocorre de fato, pelo menos, com os subgrupos Pykobjê/Krinkati e Apãniekrá/Krahô/Ramkokamekrá. Esses dois subgrupos apresentam uma alternância notável e previsível quanto aos graus de abertura, a qual fora percebida

por Alves em seu estudo de 2002 e corroborada durante a oficina de grafia de 2003 por Alves (2004) e Amado (2005).

A distribuição é a seguinte:

Orais	Apãniekrá / Krahô / Ramkokamekrá	Pykobjê / Krinkati
Anteriores	e	i
	ɛ	e
Centrais	ə	ɨ
	ɜ	e
	a	a
Posteriores	o	u
	ɔ	o
Nasais	Apãniekrá / Krahô / Ramkokamekrá	Pykobjê / Krinkati
Anteriores	ĩ	ẽ
	ẽ	
Centrais	ĩ	ẽ
	ã	
Posteriores	ũ	õ
	õ	

Quadro 3: Distribuição das vogais entre os subgrupos Timbira.

A única vogal que sempre coincide é a baixa oral – a. Todas as outras sofrem alternância entre médias-altas e altas e neutralização das médias-baixas entre os subgrupos mencionados. Seguem abaixo exemplos extraídos da lista de palavras elaborada pelos falantes na oficina de grafia:

Ramkokamekrá / Apãniekrá / Krahô	Pykobjê / Krinkati	Glosa
tɛp	tɛp	‘peixe’
protti	prutte	‘sapo’
kumtʃɐ	kɔmtʃi	‘bacuri’
rɔʔti	rɔʔte	‘sucuri’
k ^h wɛr	k ^h wír	‘mandioca’
kuk ^h rít	kɔk ^h rɛt	‘anta’
pɜt	pɛt	‘tamanduá’
kutɛ̃	kɔtɛ̃	‘murici’
mĩ	mɛ̃	‘jacaré’
põ	põ	‘campo’
hũmrɛ	hõmrɛ	‘homem’
kahãj	kahẽj	‘mulher’

Quadro 4: Exemplos extraídos da lista de palavras da oficina de grafia.

Por causa da divergência de graus de abertura, houve a necessidade de se criarem outras letras. Abaixo um excerto do manual que seguiu, junto com a lista de palavras, para as aldeias Timbira após a oficina de grafia:

.	a – ỹ [a],[a:]/[ê]: ca ‘2p’, pa ‘1p’, cahỹj ‘mulher’.
.	y – ỹ Alguns povos dizem [ɜ] ou [ə], enquanto outros dizem [ə] ou [ĩ], mas todos escreverão < ỹ >: kwỹr ‘mandioca’. Alguns povos dizem [ĩ], enquanto outros dizem [ə], mas todos escreverão < y >: cökryt ‘anta’.
.	e – ë Alguns povos dizem [ɛ], enquanto outros dizem [ə], mas todos escreverão < e >: tep ‘peixe’. Alguns povos dizem [ə], enquanto outros dizem [i], mas todos escreverão < ë >: caapër ‘bacaba’, parëj ‘cajá’.
.	o – ö Alguns povos dizem [ɔ], enquanto outros dizem [o], mas todos escreverão < o >: rop ‘onça’. Alguns povos dizem [o], enquanto outros dizem [u], mas todos escreverão < ö >: caprö ‘sangue’, cömxë ‘bacuri’.
.	ē – ī Alguns povos dizem [ē], enquanto outros dizem [ê], mas todos escreverão < ē >: cötē ‘murici’. Alguns povos dizem [ê], enquanto outros dizem [ī], mas todos escreverão < ī >: mī ‘jacaré’.
.	ō – ũ Alguns povos dizem [õ], enquanto outros dizem [ō], mas todos escreverão < ō >: wakō ‘quati’. Alguns povos dizem [õ], enquanto outros dizem [u], mas todos escreverão < ũ >: hũme ‘homem’.

Quadro 5: Explicação das vogais.

Quanto às vogais do Parkatejê e do Apinajé, pouco se pode analisar pelos exemplos. Percebe-se, em alguns casos, uma aproximação desses dois com o subgrupo Apãniekrá/Krahô/Ramkokamekrá em relação aos graus de abertura, como nos exemplos do Quadro 2: ‘fogo’, ‘anta’ e ‘tamanduá’ para as centrais; ‘pescoço’, ‘bom’ e ‘sangue’ para as posteriores. Contudo, seria necessário um estudo mais detalhado com mais dados para que se pudesse chegar à previsibilidade alcançada entre os subgrupos Pykobjê/Krinkati e Apãniekrá/Krahô/Ramkokamekrá.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo apresentar aspectos da pesquisa que tem sido realizada sobre a fonologia das línguas Timbira com dados extraídos de estudos vários feitos sobre essas línguas. Alternâncias e neutralizações nos sistemas consonantal e vocálico dessas línguas foram analisadas, baseando-se principalmente nos estudos de

fonologia e morfofonologia de Alves (1999, 2004) sobre o Apãniekrá e de Sá (1999) e Amado (2004) sobre o Pykobjê. As hipóteses desses trabalhos para essas línguas foram estendidas para as demais, visando compreender as variações encontradas. Deve-se salientar que este ainda é um estudo preliminar que não contemplou questões silábicas e acentuais, as quais deverão ser objetos de outros trabalhos dentro da atual pesquisa, assim como aspectos morfofonológicos envolvendo principalmente flexão nominal e verbal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

7. ALVES, Flávia de Castro. *Aspectos fonológicos do Apãniekrá (Jê)*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1999.
8. _____. A discussão da grafia unificada para as línguas Timbira. Comunicação apresentada no 50º Seminário do GEL, Universidade de São Paulo, 2002. (manuscrito)
9. _____. *O Timbira falado pelos Canela Apãniekrá*. Tese de doutoramento. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, 2004.
10. AMADO, Rosane de Sá. *Aspectos morfofonológicos do Gavião Pykobjê*. Tese de doutoramento. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2004.
11. _____. A grafia uniformizada: uma conquista dos povos Timbira. *Linha D'Água*, nº 17, 2005.
12. ARAÚJO, Leopoldina. *Aspectos da língua gavião-jê*. Tese de doutoramento. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1989.
13. AZANHA, Gilberto. *Forma Timbira: estrutura e resistência*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1984.
14. DAVIS, Irvine. Comparative Jê phonology. *Estudos Lingüísticos, Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada*, 1, (2), São Paulo, 1966.
15. FERREIRA, Marília de Nazaré de Oliveira. *Estudo morfossintático da língua Parkatejê*. Tese de doutoramento. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

16. LADEIRA, Maria Elisa. De bilhetes e diários: oralidade e escrita entre os Timbira. In: SILVA, Aracy Lopes da & FERREIRA, Mariana Kavall Leal. (orgs.) *Antropologia, história e educação*. São Paulo: Ed. Global, Fapesp, 2001.
17. MELATTI, Júlio César. *O messianismo krahô*. São Paulo: Ed. Herder/EDUSP, 1972.
18. OLIVEIRA, Christiane de. Lexical categories and the status of descriptives in Apinajé. *International Journal of American Linguistics*, vol. 69, no. 3, 2003.
19. POPJES, Jack & POPJES, Josephine. Canela-Kraho. In: DERBYSHIRE, Desmond C. & PULLUM, Geoffrey K. (eds). *Handbook of Amazonian Languages*. New York: Mouton de Gruyter, 1986.
20. RODRIGUES, Aryon. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Ed. Loyola, 1986.
21. SÁ, Rosane Muñoz de. *Análise fonológica preliminar do Pykobyê*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1999.
22. SOUZA, Sueli Maria. *O sistema de referência pessoal da língua Krahô*. Dissertação de mestrado. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1990.
23. _____ *A sintaxe de uma língua de verbo no final: Krahô*. Tese de doutoramento. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1997.

RESUMO: O presente estudo visa traçar um panorama das particularidades fonético-fonológicas das variantes Timbira. A língua Timbira pertence à família Jê, Tronco Macro-Jê e compreende as variantes Pykobjê, Krahô, Ramkokamekrá, Apaniekrá, Parkatejê, Apinajé e Krinkati. Desde 1993, esses povos, com exceção do Parkatejê, têm participado de programas de educação e da elaboração de uma grafia uniformizada, fazendo parte da Associação Wy'ty Catê e contando com a assessoria do Centro de Trabalho Indigenista (CTI). Este trabalho é parte de uma pesquisa voltada à elaboração de um quadro fonológico do Timbira e objetiva futuramente apoiar com dados os estudos de reconstrução de um Proto-Timbira.

PALAVRAS-CHAVE: Línguas indígenas; fonologia; educação.

ABSTRACT: This present study aims to show an overview of phonetical and phonological particularities of the Timbira variants. Timbira language belongs to Jê family, Macro-Jê branch and it encloses the variants: Pykobjê, Krahô, Ramkokamekrá, Apaniekrá, Parkatejê, Apinajé and Krinkati. Since 1993, these peoples, with exception of the Parkatejê, have participated of programs of education and the elaboration of a uniformized written, being part of the Wy'ty Catê Association and counting on the assessorship of Centro de Trabalho Indigenista (CTI).

This work is part of a research directed to the elaboration of a phonological system of the Timbira and it aims in the future to support with data the studies of reconstruction of a Proto-Timbira.

KEY-WORDS: Indigenous languages; phonology; education.